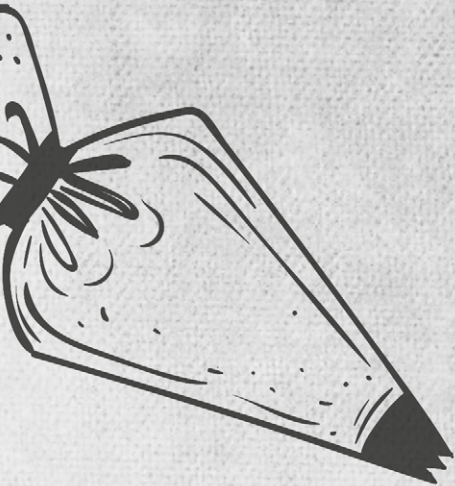
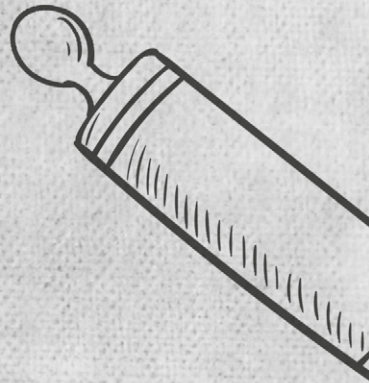


Tesouro
do Coração



NATHALY
BRANDÃO

Tesouro do Coração



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2024
Copyright © Nathaly Brandão, 2024

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL

Lilian Vaccaro

REVISÃO

Clysnaya Vasconcelos

PRODUÇÃO GRÁFICA

Giovanna Vaccaro

CAPA

KNS Design

DIAGRAMAÇÃO

Michael Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Brandão, Nathaly

Tesouro do coração / Nathaly Brandão – 1ª edição – São
Paulo: Coerência, 2024

ISBN: 978-65-89850-99-1

CDD: 869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira 2. Romance cristão I. Título



Rua Coronel Osório, 92 | Centro
Bragança Paulista | SP | 12900-150
www.editoracoerencia.com.br
Tel.: (11) 9.1292-1001

À minha irmã, Milena. Eu desejo ver os planos do Senhor se cumprindo na sua vida e oro para que Ele seja sempre o tesouro do seu coração.

E a mim mesma, como um lembrete de que tudo é dEle, inclusive eu.

“porque, onde está o teu tesouro,
aí também estará o teu coração.”

— Mateus 6:21.

“Vou me lembrar de nunca me esquecer
Que tudo o que eu tenho é dEle
Eu vou cantar o que Ele já me fez
E o que ainda irá fazer”

— Gratidão (Nunca foi Sorte), Jessé Lucas

Antes de Começar...

Tesouro do Coração é uma obra especial para mim. Ela marca o fim de um processo que o Senhor e eu passamos *juntos* — sim, juntos porque, mesmo eu sendo falha, Ele nunca me desamparou. Hoje estou aqui para testemunhar isso e me alegrar em Seus amor e cuidado. Agradeço ao Senhor por este livro, afinal Ele fez muito mais daquilo que eu pedi ou mesmo imaginei um dia.

Para você se situar, comunico que Tesouro do Coração é derivado de um conto que encontrará anexo a este livro, chamado “O Rebuliço de uma Lágrima”. Eu o escrevi em 2022, com o propósito de tornar conhecida uma experiência que tive com Deus, protagonizada, na ficção, pela Abigail — consequentemente, a Confeitaria Florida, o Nathan, a tia Bruna e outros surgiram aqui. Em 2023, decidi dar aos meus personagens um romance que eu havia quase jurado de pé junto que não existia (ainda bem que foi só quase) e, de forma irônica, também transcrevi uma experiência com Deus nessas páginas, mas demorei a perceber. Bem, falamos disso mais tarde.

Você pode ler as duas obras em qualquer ordem, afinal não são histórias sequenciais. Apesar de correlacionadas, são suficientes em si mesmas.

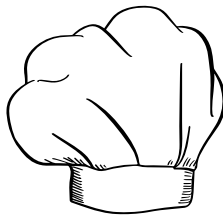
Para finalizar esta nota, espero que aqui você se divirta e possa suspirar, mas que o Senhor Jesus também possa tocar o seu coração enquanto você caminhar por essas linhas e páginas — afinal, foi com esses três propósitos que eu escrevi esta Ficção Cristã.

Uma boa leitura, pequeno leitor. Bem-vindo à “Tesouro do Coração”!

Sumário

1. Aconchego Indesejado	13
2. Sonhos adiados	19
3. Linha muda	25
4. Tentativa de pingos nos is	32
5. Lágrimas e desconhecido propósito	40
6. Propostas e Latas Velhas	47
7. Suco de Acerola com Climão	61
8. Convites, Strikes e Scooby-Do	75
9. Pausa no tempo	86
10. Séries Médicas e Ateos Recessivos	91
11. Cristocidências no Amor	100
12. Besouro perseguidor	107
13. Perfumes e Senhoras	113
14. O probleminha do Oswald	124

15. Abrem-se as comportas dos olhos	130
16. Espírito de Velhinhas	142
17. O saque perfeito	148
18. Dança dos Pinguins	157
19. A beleza dos planos de Deus	164
20. Pela segunda vez.	177
21. E se não for?	188
22. Reconhecer o altar	191
23. Circuncidai o coração	197
24. Sua última chance	202
25. Sob um mesmo propósito.	210
26. Abelhinha de Vila Velha	223
27. Gatinhos, apelidos e confirmações.	232
28. Cuidado nos detalhes	239
29. Pode vir	243
30. Lar em construção.	249
31. Tesouro do Coração	255
Carta da Autora	263
Agradecimentos	267
Conto: O rebuliço de uma lágrima	269



1

Aconchego Indesejado

Abri! de 2019. Vila Velha, Espirito Santo.

É engraçado como coisas simples podem virar a nossa vida de cabeça para baixo. No meu caso, atender uma ligação da faculdade fez os meus sonhos e projetos serem jogados para o lado sem escrúpulo algum. E era por isso que eu estava dentro do terceiro – e último – ônibus daquela viagem de volta ao Espírito Santo.

O motorista parou o veículo e eu deixei todas as outras pessoas saírem primeiro. Pela janela com vidro fumê conseguia ver a minha mãe parada ao lado do ônibus, encarando a porta dele com expectativa. Ela estava à minha espera, mas eu ainda não estava pronta para descer.

Claro que queria voltar para Vila Velha, amava minha cidade natal; mas, em meus planos anteriores, planejava voltar com meu diploma.

Quando finalmente juntei a coragem necessária, andei pelo corredor do ônibus com minha bagagem de mão. Ao me ver na porta, dona Bruna soltou uma exclamação de alívio.

— Quer me matar de susto, Abigail? — perguntou, com as sobrancelhas unidas. Eu nem havia pensado que ela se preocuparia se eu não descesse logo do ônibus.

— Desculpa, eu precisava de um tempinho — falei com desânimo.

Ela esboçou um apertar de lábios e passou os braços ao redor de mim. Afundei em seu peito.

— Oh, minha filha, não fique assim — ela disse enquanto acariciava meus cabelos curtos. Depois de alguns minutos, lembrou: — Sua mala. — Segurou uma das minhas mãos para me guiar até o motorista, que no momento entregava as malas dos passageiros, antes guardadas no bagageiro do ônibus.

Enquanto aguardávamos nossa vez, senti o metal na mão da minha mãe e a ergui para vê-lo melhor. O anel de noivado reluzia à luz do começo da manhã, denunciando a situação atual do coração dela.

— Ele veio?

Dona Bruna balançou a cabeça.

— Ficou lá em casa cuidando do café da manhã para a gente — ela respondeu, sem esboçar uma emoção apaixonada. Mamãe e sua reserva.

Logo já tínhamos pegado minhas malas. Caminhamos até o andar de baixo do terminal, onde, de longe, enxerguei o fusquinha amarelo. Sorri imediatamente.

— Oswaldo! — cumprimentei, resistindo à vontade de abraçá-lo. As pessoas me achariam estranha. Nosso carro ter um nome era suficiente. — Você está mais lindo do que nunca!

Minha mãe apenas riu.

Nosso retorno para casa durou mais de vinte minutos. Mamãe queria saber como estavam a tia Suelen, o tio Firmino e meus

primos Carlos e Mali — família com quem morei por três anos, na zona norte da grande São Paulo. Tentei manter o tom animado em toda a minha fala, mas isso me custou bastante.

— Fiz um bolinho de chocolate — ela comentou enquanto o portão da garagem se abria vagarosamente. Eu analisava a fachada da nova confeitaria, à direita. — E tem alguns muffins que sobraram da produção de ontem.

— Tem chá? — perguntei, voltando à minha mãe com um olhar arteiro.

— E café. — Dona Bruna revirou os olhos e eu sorri.

O fusca adentrou a garagem e ocupou a vaga livre. A outra estava ocupada por uma caminhonete cinza que denunciava a presença de um segundo elemento familiar na minha vida.

Era real: eu conheceria oficialmente o noivo da minha mãe.

Sem as malas, subimos as escadas iluminadas pelas janelas de vidro. Entrei na casa e arranquei aqueles tênis apertados enquanto meus olhos estavam animados para conhecer o espaço. Minha mãe morava ali há menos de seis meses, portanto era minha primeira vez no imóvel.

— Saulo? — ela chamou.

— Oi, amor! Espera aí! — ele gritou de volta, o que trouxe um frio à minha barriga.

Sentei no sofá cinza à espera de Saulo, analisando o raque de madeira escura e a televisão de inúmeras polegadas à frente. Imaginei minha mãe, após um dia cheio na confeitaria, deitada no sofá para assistir alguma série enquanto apreciava uma xícara de café. O lado bom do meu retorno seria participar de novo desses momentos.

— Me perdoa, eu estava terminando a louça. — O famoso homem apareceu na sala de estar. Ele secava as mãos na calça jeans azul, um sorriso carismático no rosto barbado.

Saulo era um homem de 44 anos. Era alto, usava óculos de grau quadrados e pretos, e tinha a pele de gente que gosta de fazer coisas ao ar livre. Vestido numa camiseta azul, parecia forte apesar da pequena saliência na barriga. Seus cabelos eram bem pretos, assim como os olhos.

Ele era ainda mais bonito pessoalmente, eu deveria admitir.

Um tanto sem jeito, levantei para cumprimentá-lo.

— Oi, Abigail. — Ele se aproximou e deixou um beijo no meu rosto, abraçando-me em seguida. — Como você está? Tudo bem?

— Tudo — respondi e enfiei as mãos nos bolsos traseiros da calça jeans. — E o senhor?

— Ah, não. Senhor, não — ele reclamou, a feição ainda alegre. O sotaque mineiro não se escondeu. — Pode me tratar por você. E estou bem, feliz por finalmente te conhecer. Quer um pouco d'água?

— Eu pego para ela, amor — minha mãe interveio. — Pode trazer as malas lá do carro? Estão pesadas.

— Claro! — ele respondeu sem hesitar e me olhou uma última vez antes de sair pela porta e descer as escadas em direção à garagem.

Minha mãe me analisou por um segundo e depois passou a me guiar corredor adentro.

— Eu reformei o quarto para você — disse. Logo estávamos diante de uma porta que ficava ao lado de uma de vidro, a qual levava à varanda do apartamento. — Coloquei uma janela bem grande, como imaginei que fosse gostar.

O cômodo se revelou uma delicadeza. Paredes pintadas de creme, uma janela imensa no lado esquerdo de quem entrava, uma cama de solteiro arrumada com uma colcha branca de flores vermelhas. Havia um guarda-roupa branco e pequeno na parede

direita e uma penteadeira ao lado esquerdo da porta, com um espelho grande.

Minha mãe apontou para cima e eu vi a pintura colorida do teto: flores, *para variar*.

— Se estiver velha demais para essas coisas, podemos pintar de novo — ela disse.

— Eu adorei, mãe — falei, um pouco emocionada. Eu a abracei, e o aconchego recebido aumentou minha vontade de chorar. — Desculpa — pedi, escondendo meu rosto em seu peito.

— Está tudo bem. — Acariciou minhas costas. — Depois podemos conversar mais sobre isso.

Nos afastamos ao ouvir um baque surdo vindo do corredor. Saulo logo apareceu, puxando as duas malas, uma em cada mão.

— Que pesadas! Quase quebrei a parede com esses trens. — Ele entrou no quarto primeiro com a marrom. — O que tem na vermelha?

— Livros — respondi. Ele deixou as duas malas em frente ao guarda-roupa. — Em São Paulo tem muitos sebos e eu aproveitei.

— Dá para ver. — Saulo riu e pousou as mãos na cintura, analisando ao redor. Seus olhos pararam na pequena estante branca presa ao lado da janela. — Será que é suficiente? Se não, podemos colocar mais prateleiras ali...

— Está perfeito, não tenho tantos livros assim — interrompi. — Podemos tomar café? Estou morrendo de fome.

— Por favor! — O homem se adiantou para andar à nossa frente. Todos seguimos pelo corredor até a cozinha. — Sua mãe me deixou na tarefa de cozinhar para um batalhão.

— Vai se surpreender com o tanto que essa menina come — mamãe retrucou.

Eu ri, um pouco envergonhada.

O ambiente da cozinha era claro como os outros, mas possuía uma bancada de mármore bem no centro. Encostado às paredes esquerda e direita havia armários brancos com várias portas. Na dianteira, de frente para a bancada, havia um *cooktop* com forno e uma pia ao lado, ambos bem abaixo de uma grande janela com vista para a praça ali perto.

— É ainda mais linda pessoalmente — comentei.

Na bancada havia lugares americanos, uma garrafa de café vermelha, tigelas com pão de queijo e muffin, bolo de chocolate numa boleira de vidro e ainda os pães de sal em outra tigela.

O cheiro das comidas no ar, misturados ao café, fez meu estômago roncar.

— Que fome!

— Uai, eu esqueci as xícaras? — Saulo perguntou. — Onde ficam?

— Segunda porta. — Minha mãe apontou para o lugar e olhou para mim. — Senta, Abi.

Obedeci, respirando fundo. Estar ali não era o que eu queria para aquele momento da minha vida, e o aperto dolorido ainda fazia morada em meu peito, mas foi impossível não me sentir em casa.